

DIALOGISMO E VALORAÇÃO NOS ARTIGOS DE LYA LUFT NA REVISTA VEJA

Salete Valer (UFSC/PGLg)

RESUMO: Este artigo inserido nos pressupostos teóricos da ADD de Bakhtin tem por objetivo apresentar algumas características da esfera social do jornalismo; discutir as inter-relações entre discurso, enunciado e gênero. Com base nesses conceitos, analisar alguns textos de Lya Luft, observando-os no que diz respeito ao dialogismo e valoração e como esses aspectos se materializam no gênero “artigo de opinião”.

Palavras-chave: Dialogismo. Valoração. Artigo de opinião.

ABSTRACT: *The present paper base don Bakhtin' theory of Dialogical Discourse Analysis aims at presenting out some features from journalism social sphere as well as discussing the dialogues among discourse, utterance and genre. Throughout these concepts, the research also seeks for analyze Lya Luft's texts concerning dialogism and appraisal materialized in the genre article written by this author in Veja Brazilian magazine.*

Key-words: *dialogism; appraisal; magazine article.*

1 Introdução

Agimos na nossa vida social por meio de discurso(s), que não apenas regularizam nossas práticas interativas, como também as significam. A interação, nas diversas esferas da atividade humana, produz (e ao mesmo tempo é produzida) por textos típicos que configuram eventos sociais e se materializam na forma de gêneros do discurso.

Pesquisas atuais em Linguística e em Linguística Aplicada têm apresentado diversas discussões a respeito da constituição e do funcionamento dos diversos gêneros que medeiam nossas interações. Dentre essas diversas pesquisas, diferentes abordagens de investigação são desenvolvidas (ver, por exemplo, MARCUSCHI, 2008; ACOSTA-PEREIRA & RODRIGUES, 2009). Nesta pesquisa, baseamos nosso estudo nas postulações da Análise Dialógica de Discurso

(ADD), retomando teorizações de Bakhtin (2003, 2006) e revisitando pesquisadores dessa área (BRAIT, 2006; FARACO, 2007; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005).

Sob essa perspectiva, objetivamos ao longo deste artigo: a) apresentar algumas características da esfera social do jornalismo; b) discutir as inter-relações entre discurso, enunciado e gênero; c) explanar brevemente sobre os conceitos de dialogismo e valoração, e com esses se constituem no discurso de Lya Luft e d) apresentar considerações finais sobre a discussão apresentada.

O artigo se organiza na seguinte forma: primeiramente, na introdução, apresentamos a temática e os objetivos da pesquisa, bem como o referencial teórico. Na segunda seção, desenvolvemos o referencial teórico, tomando por base a ADD de Bakhtin. Na terceira seção, explicamos a metodologia de análise e, na quarta seção, os resultados da investigação. Por fim, propomos considerações finais.

2 Revisão de Literatura

Nesta seção faremos a revisão de estudos que fornecerá a base epistemológica para a posterior a análise do gênero *Artigo assinado* de Lya Luft. Dessa forma, iniciaremos (2.1) por algumas características da esfera social do jornalismo, tendo em vista ser essa a esfera social a que pertence o gênero em análise. Em (2.2), apresentaremos os conceitos de gênero, enunciado e discurso e, em (2.3), o conceito de autoria e responsabilidade enunciativa. Já em (2.4), trataremos dos conceitos de índices sociais de valor (a valoração).

2.1 A esfera social do jornalismo

As esferas tipificam as situações de interação, estabilizando relativamente os enunciados que nela circulam, originando gêneros do discurso específicos dessa esfera. Para Bakhtin (2003), as esferas sociais são apresentadas como princípio organizador dos gêneros. Rodrigues (2001)

retoma essa questão, afirmando que “cada esfera conhece e aplica seus próprios gêneros”. Além disso, Bakhtin (2006, p.43) postula que

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. Essas formas de interação verbal acham-se estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social.

A partir disso, compreendemos que cada esfera social apresenta uma orientação sócio-histórico-cultural para a realidade. Os gêneros do discurso, por conseguinte, não são diferentes a essas especificidades.

Com base nesses postulados, diversas pesquisas sobre a esfera do jornalismo, a partir da ADD, têm apontado as especificidades do campo jornalístico e sua projeção para os gêneros que nele se produzem e circulam.

Para Rodrigues (2001), a esfera social do jornalismo de jornal reflete nos seus diferentes momentos a situação social, constituindo-se como referências para interpretação dos diferentes discursos dessa esfera. Assim, para a autora, uma questão importante é compreender a especificidade da esfera jornalística no conjunto da atividade e da comunicação humanas, não apenas entendendo o entrecruzamento da esfera do jornalismo com outras esferas, como também a própria concepção de jornalismo.

Para Silva (2007; 2009), a esfera de jornalismo de revista, por sua vez, apresenta história e características singulares, diferentes do jornalismo de jornal. Dentre essas diferenças, a autora pontua questões sobre condições de produção, circulação, periodicidade e temporalidade. Por exemplo, diferente dos jornais, as revistas têm circulações semanais, quinzenais ou mensais e o tempo de veiculação e distribuição são maiores das notícias e de outros gêneros do jornal.¹

¹ É preciso lembrar-se das diferenças de constituição e de funcionamento não apenas das esferas de jornalismo de jornal e de revista, mas também dos gêneros que circulam nos campos das mídias virtual, radiofônica, televisiva e telefônicas (via SMS).

Assim, o chamado jornalismo de revista diferencia-se do jornalismo do jornal impresso e de outras mídias não apenas por aspectos sociais e históricos de produção, mas também por sua construção discursivo-textual, projeções ideológicas e recortes valorativos.

Acosta-Pereira (2008) pontua que os gêneros jornalísticos do jornal impresso são saturados por valorações instituídas de ideologias que estabilizam e significam as diversas situações sociais mediadas por esses gêneros. Assim, para o autor, o ato de apresentar fatos e acontecimentos acarreta um processo multifacetado de discursivização, ordenação, planejamento, construção e avaliação de informações mediadas pelo discurso. Com isso, podemos entender que esse processo implica que os discursos da esfera do jornalismo, em suas diferentes mídias e suportes, refletem e refratam construções do real, ou seja, não são os fatos tais como acontecem na realidade social, mas sim transposições axiologicamente refratadas desse real.

Mais especificamente no contexto de nossa pesquisa, isto é, o jornalismo da revista *Veja*, podemos retomar discussões de Scalzo (2004) e Silva (2007; 2009) sobre essa revista. Segundo os autores, a revista *Veja* teve sua primeira edição em agosto de 1968, inspirada no modelo americano de jornalismo e idealizada por Roberto Civita, filho do fundador do grupo Abril no Brasil.

Scalzo (2004) afirma que essa revista alcançou grande repercussão no Brasil, sendo considerada entre as quatro maiores revistas do mundo atrás somente das revistas norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *Word Report*. Para Silva (2007), a revista *Veja* é constantemente criticada por dois aspectos: a) tendência de ser uma revista de publicidade e b) pela posição política de direita.

2.2 Gêneros, enunciados e discurso sob a perspectiva da ADD de Bakhtin;

Na perspectiva da ADD de Bakhtin (2000), o enunciado é irrepetível no processo de interação social. Por outro lado, o texto visto sob o paradigma sistêmico caracteriza-se por elementos repetíveis e reproduzíveis (vocábulos, sintagmas, sentenças), ou seja, a língua como sistema de signos. Porém, para a teoria bakhtiniana, a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas (objetivismo abstrato), nem pela

enunciação monológica isolada (subjetivismo individual), nem pelo ato psicofisiológico de sua produção (atividade mental), mas sim pelo fenômeno social de interação verbal realizada pela enunciação. Assim, nessa teoria, a concepção de língua não está relacionada a sua condição de sistema de formas lingüísticas e convencionais, mas sim pelos valores ideológicos que significam os signos dentro de cada esfera social e que pelas múltiplas situações discursivas se proliferam e se firmam como valores axiológicos dominantes.

Por essa razão, o sentido de texto ultrapassa a organização coerente dos elementos signícos, caracterizando-se, assim, como “um enunciado - a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p.293), manifestando-se na interação social e em relação a outro texto em dada esfera social. Para esse autor, os aspectos que determinam um texto como enunciado são: a) projeto discursivo (o autor e seu querer dizer) e a realização desse projeto (as condições de situação e sua relação com outros enunciados) e b) os dados da situação social de interação da língua e do gênero.

Em termos gerais, de acordo com Bakhtin (2000, p.297), o enunciado é marcado pelas seguintes características: a) a alternância de sujeitos: alterna-se o sujeito do discurso quando o falante conclui o seu dizer e passa a palavra ao outro para que ele expresse a sua compreensão referente ao seu enunciado, podendo ser verbal ou não verbal, imediata ou a longo prazo, silenciosa ou pronunciada (reação-resposta); b) expressividade: a expressão valorativa do autor em relação ao objeto do seu discurso e dos participantes da comunicação discursiva e seus enunciados já ditos e pré-figurados. A expressividade é uma característica do enunciado, não da língua (sistema), tendo em vista que a valoração está presente em todos os enunciados, porque não pode haver enunciado neutro e c) conclusividade: o interlocutor toma a postura de resposta quando observar a conclusão do discurso do falante a partir dos seguintes fatos: tratamento exaustivo do objeto e do sentido do que pode ser dito, a intencionalidade (projeto discursivo) e dos gêneros do discurso.

Sendo o enunciado a unidade real e concreta da comunicação discursiva, ele se constitui da dimensão verbal e da dimensão extraverbal. A dimensão extraverbal refere-se ao plano do discurso, situação social em que se dá o enunciado, ou seja, o contexto cultural e semântico-axiológico, enquanto que a dimensão verbal diz respeito ao plano da língua e às relações

dialógicas entre elementos lingüísticos para construção de sentido(s). O horizonte extraverbal pode ser analisado em seus três elementos constitutivos: a) o horizonte espacial e temporal diz respeito ao tempo e ao espaço em que o enunciado foi projetado pelo falante (cronotopos); b) o horizonte temático refere-se ao objeto e ao conteúdo temático do enunciado, ou seja, a finalidade desse projeto discursivo e c) o horizonte axiológico é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento a respeito do que ocorre em relação ao objeto do enunciado. Por dimensão verbal, entende-se o plano material do enunciado, ou seja, como os recursos lingüísticos se organizam e dão forma a um determinado gênero do discurso. Assim, todo enunciado, desde seu projeto discursivo, objetiva uma ação-resposta ativa do interlocutor, e constrói-se em função dessa eventual reação-resposta (enunciados pré-figurados). Os enunciados já ditos e os pré-figurados determinam a continuação do enunciado, ou seja, as enunciações se constroem nas interações tipificando os temas, os estilos e determinadas composições estilísticas.

Com base nos pressupostos bakhtinianos, Rodrigues (2005) coloca que os enunciados são unidades de comunicação social que se tipificam e se regularizam nas interações na forma de gêneros do discurso. Em outras palavras, diferentes situações de interação, nas diferentes esferas da atividade humana, produzem diferentes gêneros, que se constroem sócio-historicamente, pois não são unidades convencionais, normativas ou imanentes, mas dinâmicas e flexíveis às diversas práticas sociais. Dessa forma, entendemos que “os gêneros regulam, organizam e significam as interações” (RODRIGUES, 2005, p. 166).

Dessa forma, para a ADD, enunciado pressupõe relações dialógicas, pois os enunciados se formam não só na interlocução, mas e, principalmente, na cadeia contínua de outros enunciados, sendo que, são nessas relações que emerge a significação. Ou seja, as relações de dialogismo dos enunciados (discurso) não se realizam por meio de regularidades lingüísticas, isto é, por meio de propriedades léxico-gramaticais de enunciados outros e de outros com o enunciado do eu, mas a partir da cadeia de enunciados que se confrontam no espaço social das diferentes interações comunicativas. Por essa razão, o enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, assim, a forma do gênero e a significação ideológica promovem nele relações respostas imediatas e uma ressonância dialógica (BAKHTIN, 2000, p. 328).

Em síntese, é sob essa perspectiva, que Bakhtin (1998; 2003) afirma que discurso é a língua em sua realização viva e concreta, isto é, é a língua em sua mediação social, histórica e cultural, veiculadora de sentidos, projetada não apenas por recortes e redimensões valorativas, mas essencialmente por imagens ideológicas, que refletem e refratam realidades. Dessa forma, podemos compreender que para o autor, o discurso se engendra nos modos de ver e conceber o real (ideologias), não apenas discursivizando esses modos, mas, em adição, reconstituindo-os e os reelaborando enquanto mediadores das diversas situações interativas.

2.3 Autoria e responsabilidade enunciativa

As discussões acerca dos conceitos de autor e autoria perpassam efetivamente quase todas as obras de Bakhtin. Para Faraco (2007, p. 37), “trata-se de tema que envolve uma extensa elaboração de natureza filosófica e que conheceu diferentes desdobramentos a cada novo retorno a ele.”

Bakhtin (2003) salienta a distinção entre autor-pessoa (autor empírico) e autor-criador, pontuando que aquele se apresenta como o escritor, o artista, enquanto que este se posiciona discursivamente como elemento constituinte (estético e formal) da obra. Com isso, essas duas instâncias constitutivas de autoria (o empírico e o estético) são inter-relacionáveis e mutuamente autocontidas.

Para Bakhtin, a posição discursiva da autoria está intimamente relacionada ao gênero do enunciado, ou seja, cada gênero de discurso possui uma autoria autorizada. “A forma de autoria, depende do gênero do enunciado. Por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado.” (BAKHTIN, 2003, p. 389)

Bakhtin (2002; 2003), em *Problemas da Poética de Dostoiévski e Estética da Criação Verbal*, afirma que a função do autor-criador é compreendida como uma posição estético-formal cuja característica central é consubstanciar o discurso com posição axiológica e projeção ideológica recortada e refratada do autor-pessoa. Faraco (2007, p.39), a esse respeito, argumenta que

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica, conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque a partir dela que se recorta[m] e se reordena[m] esteticamente os eventos da vida.

Sob essa perspectiva, nos artigos assinados por Lya Luft, o autor-criador é quem da forma ao conteúdo, este não apenas recorta e reordena os eventos da vida como o faz a partir de certa posição axiológica. Assim, o autor-pessoa projeta valorativamente o discurso materializado pela posição do autor-criador. “É esse posicionamento valorativo que dá ao autor-criador a força para constituir o todo.” (FARACO, 2007, p. 38)

Lya Luft, no processo de escritura de seu texto (no ato artístico), desloca-se do plano empírico para o plano estético-discursivo, isto é, o discurso do autor-criador não é o discurso direto do autor empírico (da escritora), mas a construção refratada axiologicamente desse discurso. “O escritor é, então, a pessoa capaz de trabalhar numa linguagem enquanto permanece fora dessa linguagem.” (FARACO, 2007, p.40)

2.4 Índices Sociais de Valor – A valoração

Para Bakhtin (2006, p.31), o horizonte valorativo ou axiológico funciona a partir da constituição de índices sociais de valor essenciais para o signo ideológico. Em outras palavras, só pode ser considerado signo ideológico aquele que adquiriu valor social. Para o autor,

Realizando-se no processo de relação social, todo signo ideológico e, portanto, também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados. A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objetos de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Como se pode determinar esse grupo de objetos valorizados? Admitimos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de tema do signo. Cada signo constituído possui seu tema. Assim, cada manifestação verbal tem seu tema. O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. (BAKHTIN, 2006, p. 45-46)

Dessa forma, com base nos estudos Rodrigues (2001), Silva (2007) e Acosta-Pereira (2008), acima citados, os gêneros do discurso da esfera jornalística, por exemplo, os artigos de Lya Luft, são conduzidos por determinados horizontes avaliativos e por recortes ideológicos que regularizam e significam esses gêneros do campo do jornalismo.

Um aspecto relevante é a inter-relação entre esfera, ideologia e valoração, posto que, segundo Acosta-Pereira (2008, p. 71) “é na inter-relação entre campo e ideologia que se dá o entrecruzamento de apreciação e significação. ”Em outras palavras, cada esfera social de atividade humana é engendrada por apreciações sociais de valor que determinam a criação ou a orientação ideológica dos gêneros que se produzem nessas esferas.

Após termos discutido e apresentado uma breve revisão de literatura acerca dos conceitos centrais para a análise proposta neste trabalho, passamos à seção de metodologia, cujo objetivo é sistematizar as orientações bakhtinianas quanto à análise sociológica da linguagem.

3 Metodologia

Nesta seção buscamos nortear os passos propostos por Bakhtin que visam a guiar o processo metodológico para a análise da linguagem em seu aspecto social.

A análise dos enunciados (quatro) *Artigo de Opinião* da escritora Lya Luft, do gênero jornalístico impresso (Revista Veja)², objeto deste estudo, toma por base o método proposto por Bakhtin (2006, p.128-129):

1. As formas da linha e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, e, ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto, é a categoria de atos de fala na vida e na criação ideológica que se presta a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

Sob essa perspectiva sociológica, retomaremos Rodrigues (2001) que analisa o gênero Artigo assinado em diferentes jornais impressos a partir de sua dimensão social³ e verbal.

² Edições de 20/09/2006; 06/02/2008; 26/11/2008 e 14/01/2009.

Ressaltamos neste momento que, como postura essa autora, essas dimensões estão inter-relacionadas e mutuamente constituídas, porém, neste trabalho, investigaremos somente a dimensão verbal do gênero.

Em relação à dimensão verbal do gênero, Rodrigues (2001) propõe que estudemos o conteúdo temático, o estilo⁴, as projeções dialógicas, a arquitetônica, a composicionalidade e a extensão textuais, entre as demais instancias enunciativas do gênero selecionado para pesquisa.

4. Análise e Resultados

Nesta seção abordaremos a construção verbo-textual do gênero artigo assinado, analisando suas regularidades lingüísticas sob a perspectiva do dialogismo e da valoração. Para isso, não apenas retomaremos a discussão teórica acima desenvolvida, como também a metodologia proposta por Bakhtin.

Ressaltamos que o foco da análise se concentrará nas regularidades lingüístico-textuais do gênero, num recorte de suas relações dialógicas e nas projeções valorativas que se configuram no gênero⁵.

4.1 O Horizonte temático do gênero

Para Bakhtin (1998; 2003), o horizonte temático do gênero refere-se ao objeto de discurso e determinados sentidos construídos pelas relações dialógicas materializadas no enunciado. Com isso, os gêneros são engendrados em horizontes temáticos específicos que se definem a partir das inter-relações entre o objeto e projeto discursivos, relações dialógicas (efeitos de sentidos) e posições valorativas.

³ Por dimensão social, entendemos a constituição da esfera social de produção, distribuição e circulação, a situação social de interação (a confluência entre os horizontes temporal, espacial, temático e axiológico), autoria e posição do interlocutor e processos sócio-histórico-culturais outros.

⁴ Entendemos *estilo* de acordo Brait (2006, p.80), que afirma que “estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber o que significa no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem.”

⁵ Para leituras de trabalhos relativos à constituição e ao funcionamento de gêneros da mídia impressa sob a perspectiva bakhtiniana consultar Rodrigues (2001), Silva (2007) e Acosta-Pereira (2008).

Para Rodrigues (2001; 2005), o horizonte temático do artigo assinado é construído a partir dos acontecimentos sociais do campo do jornalismo, mas que estão vinculados à esfera de atuação profissional desse autor-criador. Para a autora, é a partir desse campo profissional que o autor-criador se enuncia valorativa e ideologicamente marcando seu discurso frente ao objeto que tematiza. A esse respeito, Rodrigues (2005, p. 174), argumenta que,

no gênero artigo, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise, e interessa, junto com eles, a posição do autor do artigo. O conteúdo temático do artigo se encontra na articulação entre a apreciação dos acontecimentos sociais e a questão do angulamento da autoria. O conteúdo temático do artigo constitui-se como ponto de vista do seu autor, o articulista (uma pessoa pública, credenciada socialmente, externa ao jornal), a respeito dos acontecimentos sócio-políticos da atualidade histórica, objeto de notícia jornalística. O jornal noticia como informação jornalística a opinião do articulista sobre esses acontecimentos.

Assim, como base na autora, por estar orientado para acontecimentos da atualidade, o artigo assinado buscar direcionar/antecipar, a partir do conhecimento social, político, econômico e cultural dos interlocutores suas reações respostas frente ao horizonte temático. Em outras palavras, o artigo assinado não se orienta para uma apresentação “espelhada” dos acontecimentos, mas esses passam por um filtro apreciativo de sentido (s). Para Rodrigues (2005, p. 173), os acontecimentos sociais “se constituem como um fundo discursivo dialogizador, considerado do domínio do leitor, a partir do qual o articulista constrói o seu acento de valor”.

Em relação aos artigos assinados de Lya Luft, podemos afirmar que o autor-criador enuncia eventos motivados por acontecimentos do momento histórico atual seja sobre o plano sócio-político-econômico, seja sobre a emergência de fatos relacionados a o plano pessoal. Essas motivações que desencadeiam os enunciados do autor-criador são axiologicamente recortadas e dialogicamente orientadas: o gênero artigo assinado é duplamente orientado: “constitui como uma reação-resposta aos enunciados da atualidade e busca a reação-resposta ativa do interlocutor”. (RODRIGUES, 2005, p.173). Além disso, segundo essa autora, na análise do artigo, podemos observar a manifestação de dois movimentos dialógicos: movimento dialógico de assimilação e movimento dialógico de distanciamento, construídos por regularidades

estilístico-composicionais marcadas pela reenunção do discurso do outro, questões discutidas na próxima sub-seção.

4.1.1 Movimento dialógico de assimilação

Segundo Rodrigues (2001; 2005), o movimento dialógico de assimilação é quando há “a incorporação de outras vozes ao discurso do autor, avaliadas positivamente, “chamadas” para a construção do seu ponto de vista” (2005, P. 174). Vejamos como esse movimento ocorre abaixo:

Ex⁶. 01- Mas, aqui entre nós, de momento a imoralidade tudo contamina como um vírus ativo num corpo frágil. *Um conhecido autor de novelas se confessou surpreso porque os telespectadores torcem por personagens cafajestes, que dão ibope, e os honrados passaram a ser os “malas”*. Possivelmente, a inconfiabilidade de pessoas que deveriam estar nos dando apoio nos priva do estímulo para viver segundo alguns valores. Mas onde estão esses valores? Onde estão a justiça e a ordem? Que mundo estamos negando a nossos filhos e netos? Que tipo de vida estamos aceitando? (T. 01)

4.1.2 Movimento dialógico de distanciamento

Segundo Rodrigues (2001; 2005), o movimento dialógico de distanciamento ocorre quando na incorporação de vozes de outrem no discurso do autor-criador há certa desqualificação valorativa. Em outras palavras, “há o apagamento, distanciamento, isolamento, desqualificação das vozes às quais o autor se opõe” (2005, p. 174). Vejamos:

⁶ Os textos analisados de Lya Luft podem ser encontrados no site: <http://vejaonline.abril.com.br/>>:

Texto1: *No denso nevoeiro*. Edição do dia 20 de setembro de 2006;

Texto 2: *Cotas: o justo e o injusto*. Edição do dia 06 de fevereiro de 2008.

Texto 3: *Uma panela de água e sal*. Edição do dia 26 de novembro de 2006.

Texto 4: *As mortes poderiam ser evitadas*. Edição do dia 14 de janeiro de 2009.

Ex.: 02 – “*A política é um terreno pantanoso, a ética é de conveniência. Se o fim é nobre, os fins justificam os meios*”, afirmou um desses famosos que, só por isso, já formam opinião de muita gente. “*O que eu acho inaceitável é roubar. Eu acho que o mensalão é um jogo político, não é roubo (...). Mas sanguessuga é roubo. Deveriam ser fuzilados.*” Fuzilados pode ser um exagero: sanguessugas talvez sejam absolvidos (se julgados) e dos mensaleiros ninguém fala mais. Foram liberados para se candidatar a cargos públicos, muitos estão praticamente reeleitos. Que mundo este nosso. (T. 01)

Com base na discussão anterior, podemos observar que os movimentos dialógicos de assimilação e distanciamento são lingüístico-textualmente construídos por meio do enquadramento do discurso do outro. Essa reenuniação é dialógico-valorativamente marcada seja pelo discurso direto ou indireto, seja por marcas de discurso bivocal. Discutimos essa questão na próxima subseção.

4.1.3 Reenuniação do discurso de outrem

Para Bakhtin (2006, p. 150), “o discurso citado é o discurso no discurso, a enuniação na enuniação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enuniação sobre a enuniação.” Com base nisso, podemos entender que o discurso do outro é uma das formas de dialogismo presente nos diversos gêneros que se produzem e circulam nas diferentes situações de interação social.

Para Rodrigues (2001, p. 173), “o enquadramento do discurso do outro no enunciado cria a perspectiva, o fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido.” Dessa forma, podemos compreender que o discurso reenunciado submete-se a processos de reavaliação, à medida que esse enquadramento influencia diretamente nos sentidos dos discursos.

Nos artigos de Lya Luft temos o enquadramento do discurso de outrem a partir das formas de discurso direto, indireto e bivocal. Vejamos:

(a) Discurso direto – para Fiorin (2006, p. 32-33), “são maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso; são formas de absorver o discurso alheio no próprio enunciado.”

Vejamos:

Ex.: 03 - “*A política é um terreno pantanoso, a ética é de conveniência. Se o fim é nobre, os fins justificam os meios*”, afirmou um desses famosos que, só por isso, já formam opinião de muita gente. “*O que eu acho inaceitável é roubar. Eu acho que o mensalão é um jogo político, não é roubo (...). Mas sanguessuga é roubo. Deveriam ser fuzilados.*” Fuzilados pode ser um exagero: sanguessugas talvez sejam absolvidos (se julgados) e dos mensaleiros ninguém fala mais. Foram liberados para se candidatar a cargos públicos, muitos estão praticamente reeleitos. Que mundo este nosso. (T. 01)

Ex. 04 – Num país vizinho, uma mãe de 20 anos com cara de anciã e menos de 1 metro e meio de altura, com um bando de filhos mirrados, segura um bebê, o único de vagamente sorri. Indagada sobre o que tem em casa para lhes dar de comer a mãe responde olhando para o jornalista: “*Hoje é uma panela com água e sal.*” (T. 03)

(b) Discurso indireto – para Bakhtin (2006), o discurso indireto ao ser enquadrado no discurso do autor-criador adquire determinado relevo, sendo, portanto, revalorado. Vejamos:

Ex.: 05 – Isso me ocorre especialmente lendo as primeiras notícias dos primeiros horrores: *mortes nas estradas das cidades, fome e miséria para milhões de pessoas inocentes pelo mundo e, de novo a guerra.* Ou sempre as guerras, pois o homem gosta de brincar de mocinho e bandido, trocando de armas e brinquedos por tremendas armas de verdade. Nelas incluo carro, ônibus, barcos e outros. (T. 04)

Ex.: 06 – A crise atual, que mal começa e vai piorar, tem de um lado o medo, de outro a arrogância, e produz férias forçadas ou desemprego. *Tem gente que ainda diz que não há crise.* Tem gente cortando despesas e tremendo nas bases do otimismo por modesto que ele seja. Tem gente mandando a gente deixar de bobagem e consumir. Que fazer? (T. 03)

(c) Discurso bivocal – para Fiorin (2006, p. 38-39), é quando “duas vozes mesclam-se nas mesmas palavras.” Vejamos:

Ex.: 07 – *Os vinte grandes do mundo – em parte responsáveis pelo o que nos atinge – almoçam em torno de uma mesa luxuosa, num intervalo de seu jogo de vantagens, poder e enganos.* (T.03)

Após as discussões acerca do horizonte temático e das relações dialógicas, direcionamos nossa investigação para a compreensão das regularidades lingüístico-textuais que se articulam na materialidade lingüística do gênero, em sua dimensão verbal. Para tanto, revisitamos pesquisas de Rodrigues (2001; 2005), Silva (2007) e Acosta-Pereira (2008) que analisam gêneros que se produzem e circulam na mídia jornalística impressa.

4.2 Regularidades Lingüístico-textuais do gênero.

Estudar as regularidades lingüísticas e textuais de determinado gênero é entender como as formas da língua significam e direcionam efeitos de sentido nas diferentes situações de interação. Assim, apresentamos abaixo, como os recursos lexicais e fraseológicos (BAKHTIN, 2006) específicos da língua se engendram no artigo assinado a partir de determinados recortes valorativos e construindo determinadas relações dialógicas.

4.2.1 Marcadores Avaliativos

Ao retomar o estudo de Acosta-Pereira (2008, p. 140), marcadores avaliativos são expressões que direcionam axiologicamente a posição do autor-criador diante dos enunciados que produz. Essa direção/orientação é relativa ao horizonte temático e perpassa o projeto discursivo.

Em outras palavras, esses marcadores de avaliação são adjetivações, adverbializações ou outros recursos fraseológicos utilizados para demonstrar a avaliação do autor frente ao tema seguindo as orientações intencionais do gênero, ou seja, posicionar-se em relação aos diferentes assuntos que estão sendo abordados no texto. Vejamos alguns exemplos em fragmentos de texto abaixo:

Ex.: 01- Intelectuais *de boa formação*, pessoas com preparo *suficiente* para ser *lúcidas* parece *cegas à realidade*, arrastando *velhas* ideologias, *com cheiro de naftalina*, que desmoronaram em outras partes, mas aqui persistem. (T.01)

Ex.: 02- O medo do diferente causa conflitos por toda a parte, em circunstâncias mais *variadas*. Alguns são embates *espantosos*, outros são mal-entendidos **sutis**, mas em tudo existe sofrimento, maldade *explícita* ou *silenciosa* perfídia, mágoa, frustração e injustiça. (T. 02)

Ex.: 03- A desigualdade sempre vai existir, pois não somos *bonecos feitos em série*: haverá os *menos talentosos*, os *mais inteligentes*, os *mais enérgicos* e os *menos capazes*. (T. 03)

Ex.: 04 – Penso que somos uma *geração doente da alma*. *Ultrapreocupados, supermedicados, incapazes de relaxar e curtir a vida, de parar para pensar [...]*. (T. 04).

4.2.2 Questionamentos Retóricos

Entendemos que sejam perguntas pelas quais o autor-criador busca antecipar a reação-resposta do interlocutor, questionando-o e já, por sua vez, respondendo-o por meio de seus argumentos. As questões tornam-se, assim, estratégias enunciativas de argumentação, não apenas enfatizando a posição do autor-criador frente ao que discute, como também, procurando convencer o interlocutor acerca dos fatos que expõe. Vejamos:

Ex.: 05 – *Mas onde estão esses valores? Onde estão a justiça e a ordem? Que mundo estamos legando a nossos filhos e netos? Que tipo de vida estamos aceitando? A das cidades comandadas por organizações criminosas, a do campo ameaçado e assaltado, a das ruas inseguras, das casas trancadas, da cultura medíocre e das vidas desperdiçadas? Seremos todos assim, precisamos ser assim. Não teremos discernimento nem forças suficientes para mudar?* (T.01)

Ex.: 06 – Nas universidades, inicia-se a batalha pelas cotas. Alunos que se saíram bem no vestibular - só quem já teve filhos e netos nesta situação conhece o sacrifício, a disciplina, o estudo e os gastos implicados nisto – são rejeitados em troca de quem se saiu menos bem, mas é de origem africana ou vem de escola pública. *E os outros?* (T.02)

Ex.: 07 – Tem gente cortando despesas e tremendo nas bases do otimismo, por modesto que ele seja. Tem gente mandando a gente deixar de bobagem e consumir. *Que fazer?* (T. 03)

Ex.: 08 – Na corrida do cotidiano, não paramos para pensar: *“o que estou fazendo da minha vida? Como estou tratando das pessoas que amo? De que jeito estou cuidando delas, de mim, deste mundo em que vivemos?* (T. 04)

4.2.3 Índices de Modalização

Para Rodrigues (2007, p. 1742), os indicadores modais apresentam-se materializados nas relações dialógicas entre os enunciados do autor (autor-criador) e os da reação-resposta do leitor (são modos de orientação para o leitor). Acosta-Pereira (2008, p. 145), retoma este estudo, postulando, em adição, que indicadores ou marcadores modais são recursos léxico-fraseológicos que sinalizam recortes valorativos de possibilidade, probabilidade, capacidade, sugestão, conclusão, proibição, dever, conselho, dúvida, necessidade, direcionando a contrapalavra do interlocutor.

Ex.: 09 – Fuzilados, *pode ser* um exagero: sanguessugas talvez sejam absolvidos (se julgados) e dos mensaleiros ninguém fala mais. (T.01)

Ex.: 10 – A idéia das cotas reforça dois conceitos nefastos: o de que negros são menos capazes, e por isso, *precisam* desse empurrão, e o de que a escola pública é péssima e não tem salvação. (T.02)

Ex.: 11 – Não é para brincar: elas estão, diz o irmão de uns 12 anos, “trabalhando”. Ajudam a família carregando areia morro acima, a prefeitura do seu vilarejo paga por isso. Não é no Brasil, mas é perto, e *com certeza*, por aqui temos este tipo de crime. (T. 03)

Ex.: 12 - As mortes *poderiam* ser evitadas. [...] Não sei *se é possível*, mas valeria a pena, quem sabe tentar contar o número de mortes burras e evitáveis no trânsito, que ocorrem por imprudência, loucura, arrogância, despreparo e futilidades. (T. 04)

4.2.4 Recurso das Aspas

São recursos de pontuação que são utilizados com o objetivo do autor-criador manter distância no que diz (ACOSTA-PEREIRA, 2008), além de, em adição, marcar o enquadramento do discurso de outrem no texto⁷. Vejamos como essa regularidade funciona no artigo:

Ex.: 13- Com formadores de opinião dizendo que ética não importa, que governar ou fazer política é afinal coisa pouco higiênica, que partido honesto não vence eleições, mas “se

⁷ A reenuniação do discurso de outrem será discutida na próxima subseção.

abrindo as comportas”, tudo muda de figura, o jeito de fugir ao desânimo seria mudar de canal [...]. (T. 01)

Ex.: 14 – Todas as “*bondades*” dirigidas aos integrantes de alguma minoria sejam de gênero, raça ou condição social, realça o fato de que eles estão em desvantagem, precisam desse destaque especial [...]. (T. 02)

Ex. 15 - Não é para brincar: elas estão, diz o irmão de uns 12 anos, “*trabalhando*”. Ajudam a família carregando areia morro acima, a prefeitura do seu vilarejo paga por isso. Não é no Brasil, mas é perto, e com certeza, por aqui temos este tipo de crime. (T. 03)

4.2.5 Estratégia de Engajamento/ Inclusão do Leitor

Para Acosta-Pereira (2008, p. 137), ao estudar o gênero notícia, discute o papel das visadas dialógico-valorativas de referência ao leitor. Aqui concordamos com o autor, percebendo que no gênero artigo assinado, também encontramos essa regularidade. Para o autor, essa estratégia de inclusão do leitor no texto é marcada por verbalizações, substantivações ou pronominalizações diretamente relativas ao interlocutor-leitor. Vejamos:

Ex.: 16 – O momento nacional nos dá a impressão aflitiva de *estarmos* envolvidos num denso nevoeiro, sem enxergar com clareza, por cima de um atoleiro, de perplexidade, no qual *vamos* afundando. (T. 01)

Ex.: 17 – Mas, como o mundo anda em círculos ou elipses, neste momento, neste *nosso* país, muito se fala em uma questão que estimula tristemente a diferença racial e social. (T. 02)

Ex.: 18 – Talvez *a gente* só consiga viver porque não tem consciência disso. (T. 04)

4.2.6 Marcas de Autoria Explícita

As marcas verbais ou pronominais que identificam a posição de responsabilidade enunciativa do autor-criador na construção de seu texto. Essas construções não apenas se

apresentam como estratégias de validação do discurso do autor-criador (*ethos*⁸), como, também, são marcas de autoridade.

Ex.: 19 – *Cresci* numa cidadezinha onde as pessoas (as famílias, sobretudo) se dividam entre católicos e protestantes. [...] *Lembro-me* da fase, há talvez 20 anos ou mais, em que filhos de agricultores que quisessem entrar nas universidades de agronomia (e veterinária?), ali chegavam através de cotas [...] (T. 02)

Ex.: 20 – *Desligo* o noticioso como se fosse um filme obsceno – é um filme obsceno. Mas *ligo* outra vez: é preciso saber notícias da pobreza brasileira [...]. (T. 03)

Ex.: 21 – Isso *me* ocorre especialmente lendo as primeiras notícias dos primeiros horrores: mortes nas estradas e cidades, fome e miséria para milhões de pessoas inocentes pelo mundo e de novo a guerra. (T. 04)

4.2.7 Movimento de Autorreferencialidade/Marcação Metadiscursiva

As explicações autorreferenciais da construção enunciativa do texto. É quando o autor-criador disserta sobre sua própria escrita, seus desafios, seus problemas, etc. É um movimento dialógico metadiscursivo; é o discurso que explica o discurso.

Ex.: 22 – O casamento infeliz de corrupção com cumplicidade e a resultante crise de autoridade na vida pública trazem á tona a questão da moralidade. (*Não estou usando, de propósito, a palavra ética: a pobre anda humilhada demais*). (T.01)

Ex.: 23 – Enquanto isso, trilhões em dinheiro circulam pelos mercados (*vou receber e-mails repetindo que empobrecer os ricos ajuda aos pobres: nem todos entendem o que escrevo, mas botar a cara na janela é para isso também*). (T. 03)

Ex.: 24 – E agora mais uma vez a guerra. Sempre há guerrinhas neste vasto mundo estranho. *Não quero e nem sei discutir razões e justificativas nem desta nem de outra guerra qualquer*. (T.04)

Considerações Finais

⁸ Ver discussões de Rodrigues (2001) sobre a questão de autoria e *ethos*.

Em relação aos resultados da pesquisa, podemos compreender que os artigos assinados por Lya Luft publicados na revista *Veja*, o autor-criador enuncia diferentes eventos motivados por acontecimentos diversos do momento histórico atual, seja discursivizando fatos sociais e histórico-culturais do cotidiano do país (plano público), seja no plano social das relações interpessoais (plano pessoal/privado). Para essa construção do tema semântico-axiológico do artigo, percebemos, recuperando estudos de Rodrigues (2005), que o artigo assinado constrói seu tema a partir de movimentos dialógicos de assimilação e de distanciamento, que não apenas consubstanciam o discurso do autor-criador, como, em adição, reenunciam valorativamente o discurso do outro.

Além disso, sobre essa questão do enquadramento do discurso de outrem no artigo assinado, observamos que, neste gênero, há a presença de marcas do discurso direto, indireto e bivocal, projetados e recortados ideológico e axiologicamente no discurso do autor-criador.

As regularidades linguístico-textuais do gênero, por sua vez, se entrecruzam na materialidade do gênero por meio de marcadores avaliativos, questionamentos retóricos, índices de modalização, recursos das aspas, estratégias de engajamento e inclusão do leitor no discurso, marcas de autoria explícita e movimentos de autorreferencialidade de marcação metadiscursiva. Entendemos que essas marcas relativamente regulares da composicionalidade linguístico-textual não apenas significam o gênero, como também o regulariza e o legitima em sua esfera e em seu veículo de produção e circulação.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. *O Gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração*. Dissertação de Mestrado. PGLg.UFSC. Florianópolis, 2008.

_____ & RODRIGUES, R. H. *Perspectivas Atuais sobre Gêneros do Discurso no campo da Linguística*. Revista Letra Magna. UNISC, 2009. Disponível em WWW.letramagna.com.br

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance*. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, C. A. *Autor e Autoria*. In: BRAIT, B. *Bakhtin – Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORIN, J. L. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. Ática: São Paulo, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. *Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

_____. *A teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin no horizonte dos estudos da Lingüística*. Anais do IV SIGET. Tubarão, SC: UNISUL, 2007.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

SILVA, N. R. *O Gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de Mestrado. PGLg. UFSC. Florianópolis, 2007.

_____. *O Gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.

SCALZO, M. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2004.